



Ciberativismo: espaço de comunicação e militância na Internet¹

Lara Nasi²

Vera Lucia Spacil Raddatz³

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ, Ijuí, RS

Resumo

O trabalho tem o objetivo de analisar e discutir o ativismo realizado na Internet, visto com um duplo sentido social: enquanto prática de resistência e de comunicação. A abordagem do estudo defende que essa atividade só se torna possível a partir da introdução das novas tecnologias de comunicação, por permitirem que os sujeitos encontrem novas formas de se comunicar e de se relacionar socialmente. A pesquisa de campo, que compreende o site da rede Avaaz, aponta para o fato de que as novas tecnologias possibilitam aos sujeitos vivenciarem novas formas de comunicar, o que inclui não apenas a recepção, como também a emissão de mensagens. Percebe-se ainda que, embora se proponha a ser um movimento que acontece na Internet, o ciberativismo nem sempre se consolida sem relacionar-se com os meios tradicionais de comunicação.

Palavras-chave: ciberativismo; novas tecnologias; comunicação; sujeitos.

Introdução

Nos anos recentes foi possível assistir ao rápido desenvolvimento de inúmeras tecnologias que facilitaram a comunicação a comunicação interpessoal, a expansão dos meios de comunicação, a melhora no sinal de transmissão etc. Um movimento que, se por um lado permitiu que se consolidassem as trocas comerciais e econômicas que aceleraram a concentração de renda mundialmente, por outro lado, passou a permitir que mais pessoas tivessem acesso às tecnologias de comunicação, num processo que caminha para a democratização destas.

Nesse contexto, a sociedade viu um enfraquecimento dos movimentos sociais até então existentes. Contudo, novas formas de organização foram surgindo a partir de

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Jornalista, graduada em 2008 no curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, da UNIJUÍ, email: lara.nasi@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social da UNIJUÍ, email: verar@unijui.edu.br



novos ambientes, chamados “virtuais”. É o caso do ciberativismo, uma forma de ativismo que passa a ter como espaço de atuação a Internet. Prática que passa a se constituir em um momento em que emergem discussões sobre o período em que vivemos, em sociedades que mudaram significativamente quando ruíram muitas das barreiras para a comunicação. Muitas, mas não todas, porque em um mundo que se diz globalizado ainda há muitas comunidades que têm acesso a pouca ou nenhuma tecnologia e permanecem fora de quase todos os processos de trocas, sejam elas econômicas ou culturais.

Este estudo pretende analisar a comunicação, a partir das novas tecnologias e a maneira como os sujeitos contemporâneos se relacionam com elas, considerando-se uma prática social específica, o ciberativismo. Neste sentido, o trabalho aborda questões como as novas tecnologias em comunicação e os aspectos relativos à identidade no período que tem sido chamado de pós-moderno. A partir disso, parte-se para uma breve análise do ciberativismo, tendo como estudo de caso o site Avaaz.org, que se propõe a ser uma rede mundial de ativismo.

As novas tecnologias em comunicação

A possibilidade de comunicação a partir da Internet (não apenas no computador, mas também no celular e em novos aparelhos) e as múltiplas possibilidades de interação propiciadas pela Web 2.0 não tornam obsoletas as “antigas” tecnologias. Para Orozco (2006), as novas possibilidades da comunicação são justamente resultado de um processo que tem como princípio os meios já existentes. “Muitas mudanças que estamos evidenciando, no âmbito da comunicação, não se devem ao potencial tecnológico recente, mas à extensa presença das mídias nascidas na modernidade” (op. cit, p. 83). Assim, para o autor, os meios (velhos e novos) coexistem, “conformando ou não convergências em sentido estrito, porém constituindo ecossistemas comunicativos cada vez mais complexos”. (OROZCO, 2006, p. 84).

Uma das idéias trabalhadas neste estudo é que a introdução das novas tecnologias muda a dinâmica do *fazer* comunicativo nos meios tradicionais. Por isso parece interessante nesse debate sobre as novas tecnologias, discutir as implicações delas no ambiente midiático e também na sociedade. A nova geração de telefones celulares, por exemplo, somada ao desenvolvimento de sites que facilitam a distribuição de conteúdos, propicia a seus usuários que se tornem produtores e emissores de



informação. Recursos como câmera para fotos e vídeos são aproveitados para a produção de imagens, que passam a ser compartilhadas a partir da rede e que, muitas vezes, são também exploradas pelos meios de comunicação tradicionais.

Considerando-se as várias possibilidades de interatividade permitidas pelas novas tecnologias, torna-se imprescindível, portanto, pressupor nesse estudo a não passividade do sujeito, já discutida há alguns anos. Mas agora parece um tanto quanto simples dizer que a não passividade do sujeito reside nas mediações e na criação de novos significados que ele faz a partir dos produtos culturais que recebe prontos da televisão ou de outros meios massivos. Até porque as formas de produção e distribuição dos bens e serviços culturais também mudam. Para Martín-Barbero (op. cit., p. 54), esse “novo modo de produzir, confusamente associado a um novo modo de comunicar, transforma o conhecimento numa força produtiva direta”. Um dos significados a que a afirmação do autor remete é que nesse novo modo de produzir, o receptor também encontra espaço para comunicar. Poder-se-ia pensar então que o sujeito agora pode ser considerado, literalmente, ativo no processo de comunicação.

Considerações sobre a pós-modernidade

Alguns autores caracterizam esse momento marcado pelo uso de novas tecnologias como “Revolução da Informação”, ou “Era da Informação”. Outros autores, como é o caso de Muniz Sodré, questionam o aspecto *revolucionário* do conceito. Sodré diz que “não faltam os que exaltem o computador e a Internet como a ‘verdadeira revolução do século’, comparável à imprensa de tipos móveis de Gutemberg, que modificou a maneira de pensar e aprender” (2002, p. 12). Mas afirma que a palavra “revolução” pode se revelar enganosa. Revolução, como explica o autor, implica o inesperado do acontecimento, uma ruptura, e não é um conceito que se possa reduzir a uma mudança pura e simples. É nesse sentido que escreve: “As transformações tecnológicas da informação mostram-se francamente conservadoras das velhas estruturas de poder, embora possam aqui e ali agilizar o que, dentro dos parâmetros liberais, se chamaria de ‘democratização’” (op. cit, p. 12). Como solução para o problema conceitual apontado, Sodré sugere que se utilize o termo “mutação tecnológica”.

Não havendo uma mudança tão profunda nas tecnologias de comunicação, surge o questionamento sobre o quão profundas são as mudanças culturais que a sociedade



vem vivenciando desde meados das décadas de 60 e 70. Mudanças essas que culminaram com a criação do conceito de pós-modernismo.

David Harvey inicia o livro *Condição Pós-moderna* questionando justamente o que é esse pós-modernismo de que muitos falam. Harvey (1998, p. 18) indaga: “Terá a vida social se modificado tanto a partir do início dos anos 70 que possamos falar sem errar que vivemos numa cultura pós-moderna, numa época pós-moderna?”. E a resposta produzida pelo autor é que a única concordância que existe com relação ao termo pós-modernismo é que ele representa alguma espécie de reação ao modernismo (op. cit, p. 19).

Embora todo o debate sobre pós-modernismo seja algo novo, e que não existam consensos nem quanto à modernidade, nem quanto à pós-modernidade, o que interessa nesse trabalho são os aspectos de mudança cultural. E essas mudanças, “na sensibilidade, nas práticas, nas formações discursivas”, como afirma Hussyens (HUSSYENS apud HARVEY, 1998 p. 45) em muito estão relacionadas com as mudanças nas condições de produção e distribuição de produtos e bens culturais pelos meios de comunicação de massa. Lyotard⁴, como afirma Harvey (1998, p. 53), aponta para isso em toda sua obra: “Há na obra de Lyotard mais do que um indício de que o modernismo mudou porque as condições técnicas e sociais de comunicação se transformaram”.

Se a comunicação se transformou, e se, talvez em decorrência disso o modernismo também transformou-se, como afirma Lyotard, certamente os sujeitos também mudaram. Ainda que não tenha sido a comunicação o motor propulsor das mudanças características de nosso tempo, não há como negar que os meios adquiriram novas características. Se as mudanças culturais fizeram com que as práticas de comunicação se transformassem, ou se o processo aconteceu em via contrária, isso não é o mais importante. Fundamental é perceber essas mudanças, que envolvem mais do que uma esfera a só um tempo: a comunicação, a cultura e os sujeitos, todos perpassados pela tecnologia.

⁴ Jean-François Lyotard, filósofo francês, foi o autor que consolidou o uso do conceito de pós-modernismo, com a publicação, em 1979, do livro “A condição Pós-moderna”. Para Raymundo de Lima (2004), a inauguração do debate feita por Lyotard destacava que o conceito de pós-modernismo remetia a um período de perda da historicidade e fim das grandes narrativas.



O sujeito contemporâneo: comunicação e identidade

As relações dos sujeitos com os meios de comunicação mudaram expressivamente nos últimos anos. Não foi apenas a introdução de uma nova mídia que se viu nas últimas décadas. As pessoas passaram a criar novas formas de se comunicar e de se relacionar socialmente. Renato Ortiz em 1994 já discutia questões como a desterritorialização e a fragmentação das identidades a partir da globalização, ou da mundialização, como chama o autor. “Afirmar a existência de uma memória internacional-popular é reconhecer que no interior da sociedade de consumo são forjadas referências culturais mundializadas”, defende o autor (ORTIZ, 2000, p. 126). Evidentemente, essas referências só constituem-se como mundiais através do desenvolvimento de tecnologias de difusão que, supostamente, transformam o mundo em um lugar único. O autor, porém, faz uma ressalva frente a essa compreensão sobre o processo:

Apesar do desenvolvimento espetacular das tecnologias, não devemos imaginar que vivemos em um mundo sem fronteiras, como se o espaço estivesse definitivamente superado pela velocidade do tempo. Seria mais correto dizer que a modernidade, ao romper com a geografia tradicional, cria novos limites. Se a diferença entre o “Primeiro” e o “Terceiro” mundo é diluída, outras surgem no seu interior, agrupando ou excluindo as pessoas (2000, p. 220).

A dinâmica da substituição das diferenças apresentada por Ortiz não encobre a discussão sobre identidades. Ao mesmo tempo em que se superam algumas diferenças, criam-se outras, que constituem as identidades dos sujeitos em diferentes territorialidades.

Com a Internet, surge a possibilidade de ampliar as relações entre os sujeitos (com grupos e comunidades formados por afinidade, por exemplo), porém, muitas vezes, essas relações são restritas ao âmbito do virtual. O sociólogo polonês Zygmund Bauman (2005) problematiza a questão, contextualizando-a no âmbito da discussão sobre identidade. Para o autor, estamos vivendo em uma época *líquido-moderna*, em que “o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados.” (op cit, p. 18). A partir da compreensão de identidade como algo fluido, numa época em que as pessoas podem assumir tantas identidades quanto se possa imaginar, Bauman afirma que os indivíduos procuram desesperadamente por um nós:



“Quando a identidade perde as âncoras *sociais* que a faziam parecer ‘natural’, predeterminada e inegociável, a ‘identificação’ se torna cada vez mais importante para os indivíduos” (op. cit, p.30). Por isso é que as pessoas tendem a tentar estabelecer grupos. Grupos peculiares nesse novo momento, como caracteriza o autor:

(...) os “grupos” que os indivíduos destituídos pelas estruturas de referência ortodoxas “tentam encontrar ou estabelecer” hoje em dia tendem a ser eletronicamente mediados, frágeis, “totalidades virtuais”, em que é fácil entrar e ser abandonados (op. cit, p. 31)

A partir disso pode-se discutir um ponto importante nas relações eletronicamente mediadas: se é fácil aderir e abandonar os grupos de identificação, essas relações “dificilmente poderiam ser um substituto válido das formas sólidas (...) de convívio” (op. cit, p. 31). A solidez das relações modernas é que dava aos indivíduos o sentimento “reconfortante” de “nós”.

Quando não há mais o sentimento de unidade - até porque as políticas identitárias deixam de ser prioridade para os governos (diferentemente do que acontecia com os regimes totalitários modernistas, por exemplo) - as instituições tradicionais passam a entrar em crise. Os sujeitos então, que por um lado são identificados com tantos grupos, passam a se afirmar em sua individualidade. Assim, observa-se um sujeito que vive uma crise de valores, já que as instituições tradicionais perdem sua hegemonia, como afirmam tanto Harvey (1998) quanto Bauman (2005), num período em que os sujeitos cada vez mais se voltam para si mesmos e a noção de ação coletiva perde seu significado. Isolado, e ao mesmo tempo conectado ao mundo através das tecnologias, esse sujeito, que recebe todo tipo de informação, é passível de simplesmente esquecer-las, sem se apropriar delas para sua vivência.

O ciberativismo, porém, em sentido contrário, tem se configurado como uma forma de resistência. Os ativistas da Internet estão fazendo uma reapropriação da rede, no sentido de produzir trocas múltiplas e criar novas formas de ação e de comunicação.

O ativismo na Internet

Ciberativismo é um conceito relativamente recente, como tudo que diz respeito à Internet e seus usos. Muito provavelmente, a origem do termo vem de um neologismo do termo “ciberespaço”, que se considera que tenha sido usado pela primeira vez em 1984, em um livro de ficção científica, o *Neuromancer*, do escritor canadense William



Gibson. O termo foi reapropriado por estudiosos da informação, como é o caso de Pierre Lévy. O filósofo considera que o ciberespaço é “um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”. O termo, para ele, especifica não apenas os aspectos materiais da rede, mas também o universo de informações que ela abriga, “assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse espaço” (2000, p.17).

Evidentemente, termos como cibercultura, e ciberativismo e vários outros com o prefixo “ciber”, derivam dessa visão sobre a Internet. Lévy não utiliza o conceito de ciberativismo ao falar de cibercultura, que ele considera como “o conjunto de técnicas (materiais ou intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (op. cit, p. 17). Porém, para o autor, a própria cibercultura deve ser vista como um movimento social: um movimento criado e liderado por jovens, que criam palavras de ordem, comunidades virtuais, inteligência coletiva, e que sustentam aspirações coerentes (op. cit, p.123).

Rigitano (2003, p. 3) enfatiza que a utilização da rede pelos ativistas sociais visa “poder difundir informações e reivindicações sem mediação”. Ainda de acordo com a autora, são objetivos também buscar “apoio e mobilização para uma causa; criar espaços de discussão e troca de informação; organizar e mobilizar indivíduos para ações e protestos on-line e off-line” (op. cit., p.3).

Levando-se em consideração os objetivos que Rigitano destaca das ações de ativismo, se compreende porque ela afirma que “a Internet se constitui como ferramenta imprescindível para as lutas sociais contemporâneas” (op. cit, p. 2). A explicação é que ela

facilita as atividades (em termos de tempo e custo), pode unir e mobilizar pessoas e entidades de diferentes localidades em prol de uma causa local ou transnacional, bem como quebrar o monopólio de emissão e divulgar informações ‘alternativas’ sobre qualquer assunto (op. cit, p. 2)

Além das questões destacadas pela autora, há ainda a possibilidade de criação de um canal de informação que não depende dos filtros tradicionais dos meios de massa. Todos esses são fatores que não podem ser considerados de forma isolada, mas sim conjuntamente, para explicar a migração dos movimentos para a Internet, e também a criação de novos movimentos, já em âmbito digital. Eles constituem o todo do



ciberativismo, embora não se possa tratar de modo generalizado essa categoria, porque diferentes atividades podem ser consideradas como ativismo digital.

Sander Vegh cria três categorias para o ativismo on-line, citadas por Rigitano (2003). De acordo com ela, “Na primeira categoria, que versa sobre conscientização e apoio, o autor afirma que a Internet pode funcionar como uma fonte alternativa de informação”. (RIGITANO, 2003, p. 3). Os exemplos para esse tipo de ativismo são encontrados na Anistia Internacional e na Rede Telemática de Direitos Humanos. Isso porque

a maioria das organizações ativistas que podem ser classificadas nessa categoria de conscientização e apoio, tem como objetivo proteger e reivindicar os direitos de segmentos marginalizados, como minorias étnicas e mulheres, por exemplo (op. cit, p. 3).

A segunda categoria faz referência à “organização e mobilização, a partir da Internet, para uma determinada ação” (op. cit, p. 4). E aí existem três tipos de mobilização a partir da rede. Ela pode ser usada para convidar pessoas para participar de uma ação off-line, que se articula a partir do ambiente digital, com envio de e-mails em que se combina data, horário e local de encontro. Também para convidar para ações que já aconteciam normalmente off-line, mas que podem ser potencializadas a partir da mobilização on-line. O terceiro tipo de mobilização são as que acontecem on-line, como campanhas de envio de *spams*, por exemplo.

A terceira categoria de classificação de ativismo digital “é formada pelas iniciativas de ação/reação, mais conhecidas por ‘hacktivismo’, ou ativismo ‘hacker’” (op. cit, p.4). Esse tipo de ativismo envolve diversos tipos de atos, “como apoio on-line, invasão e/ou congestionamento de sites, e até mesmo cibercrimes ou ciberterrorismo” (op. cit, p. 4).

As categorias propostas por Vegh permitem que se atente para o fato de que, quando se fala em ciberativismo, não está se falando de uma atividade única, pois envolve inúmeras ações, com diferentes objetivos. Neste artigo, apresentamos um estudo sobre a rede Avaaz.org, um movimento que surge a partir da Internet, e que pretende se consolidar como uma rede mundial de ativismo. A análise é feita à luz das discussões presentes neste trabalho sobre o ativismo na Internet, o sujeito pós-moderno e as tecnologias de comunicação.



Ciberativismo e comunicação: o caso da rede Avaaz.org

A rede Avaaz é um site de ciberativismo relativamente recente, que existe há mais de dois anos, lançada em janeiro de 2007. Em menos de um ano, contabilizava mais de um milhão de colaboradores, de diferentes lugares do mundo. Esses foram fatores que instigaram a um conhecimento mais profundo do site e de sua dinâmica de atuação. As campanhas realizadas também contribuíram para que ele se constituísse como objeto de análise, por englobarem desde pautas ambientais, contra o aquecimento global, até a organização de protestos pela demissão do presidente do Banco Mundial, por exemplo.

De acordo com informações do site, a administração da Avaaz fica a cargo de uma pequena equipe de ativistas, distribuída em quatro continentes. Essa equipe realiza pesquisas sobre campanhas, prepara alertas de ações e informa os meios de comunicação sobre as campanhas. Com essa metodologia, em pouco tempo, conquistaram muitos adeptos. A rápida e ampla adesão não parece ter surgido como algo inesperado para a organização, até porque Avaaz, como afirmam, significa “voz”, ou “canção” em muitas línguas da Ásia, Oriente Médio e Europa.

Na versão do site em português há uma sessão intitulada “quem somos”. Lá, os organizadores contam o que os motivou a criar esse movimento:

Enquanto novos grandes desafios tais como as mudanças climáticas e conflitos religiosos cada vez mais intensos ameaçam o futuro do planeta, pessoas de todo o mundo estão se unindo para assumir as próprias rédeas da política internacional. A Avaaz.org é uma comunidade de cidadãos de todo o mundo enfrentando as grandes questões prementes do mundo atual. Nossa meta é garantir que as opiniões e os valores da população mundial – e não apenas das elites políticas e corporações que não prestam contas a ninguém – sejam a base para as decisões internacionais (www.avaaz.org/po, acesso em 06 de julho de 2008)

O ativismo, conforme Machado (2007), tem o objetivo de mudar a ordem social existente. Porém, Machado não apresenta este como único intento da atividade de militância. O autor considera que o ativismo também deve influenciar os resultados de processos políticos e sociais. É nesse sentido que parece atuar a Avaaz, segundo a descrição de suas atividades. A partir da opinião da população internacional, pretendem garantir que não apenas a voz das elites seja ouvida no âmbito das grandes decisões mundiais.



Os temas a que a Avaaz se dedica a realizar campanhas são justamente aqueles que fogem da esfera dos Estados Nacionais, assuntos que já não podem ser resolvidos no espaço do “local”, característica da sociedade globalizada. Conflitos religiosos e mudanças climáticas são questões hoje discutidas em instituições internacionais, como a ONU, o grupo dos G8, dentre outras organizações. Porém, essas questões que fogem ao controle das comunidades locais muitas vezes são discutidas por essas instituições sem que se encontrem soluções que sejam efetivamente realizadas com comprometimento por todos os países. A Avaaz entende que frente ao grande poder que representam essas instituições, é preciso ter iniciativas de grande impacto. Ainda na descrição da organização, afirmam que buscam recursos alternativos para contrapor tais interesses, usando “a mais moderna tecnologia”, para permitir que “pessoas de todos os cantos do mundo entrem em contato com importantes autoridades mundiais, corporações e meios de comunicação” (www.avaaz.org/po, acesso em 06 de julho de 2008).

O centro das campanhas da rede é a assinatura de petições, porém, não se tratam de assinaturas isoladas. A entidade realiza campanhas sobre os temas na Internet e também nos meios de comunicação tradicionais, com anúncios em redes de TV ou em jornais, por exemplo, ou ainda a produção de outdoors. Além dessas ações, que envolvem a Internet e os meios de comunicação, há a organização de protestos, que acontecem durante as situações em que a organização entrega petições.

A estratégia de divulgação das campanhas mundiais permite que milhões de pessoas, de diferentes lugares e diferentes culturas, unam-se para atuar em questões que são de importância e abrangência global. E com pessoas atuando nessa rede em todo o mundo, é possível organizar ações com existência física, *off-line*, em todos os países em que há membros da organização. A grande quantidade de pessoas em um ato dilui-se aqui para uma grande quantia de atos – com menos pessoas – em todo o mundo. No dia três de agosto de 2008, o site contabilizava 7.336.403 ações realizadas só naquele ano.

Salvo algumas críticas ao ciberativismo, quando as ações organizadas pela Internet se revertem em ações físicas, territorializadas, que acontecem *off-line*, ou ainda em ações *on-line* de grande impacto, não se pode considerar que a atividade de militância seja superficial. Até porque ela cria um novo espaço de emissão, que introduz um discurso diferente do convencional, por dar voz aos que geralmente não encontram espaço de expressão. Para Ugarte (2007), é justamente essa uma das premissas do ciberativismo, dar poder aos sujeitos, para o que ele usa a expressão “*empowering people*”.



Além disso, o ciberativismo, embora não dependa dos meios tradicionais e de seus filtros – já que cria canais alternativos de comunicação – acaba perpassando a realidade dos meios de massa e consegue dialogar com inúmeros receptores dos meios massivos. Isso acontece, primeiramente, quando os próprios ciberativistas buscam visibilidade nesses meios, utilizando espaços pagos para fazer chamadas às suas ações.

A ampla adesão de ativistas *on-line* a essas iniciativas (ainda que muitas vezes a participação se limite à assinatura de petições) vem forjando a criação de espaços de diálogo nos grandes fóruns de decisão mundial, levando a opinião das populações para contrapor os interesses corporativos e dos governos.

Nem sempre essas ações são bem sucedidas, mas podemos dizer que, dessa forma, o próprio ativismo se constitui como uma atividade que permite que a comunicação se realize. É a ponte que possibilita que muitas pessoas, em diferentes países, possam se manifestar e ter direito à voz em lugares tradicionalmente ocupados apenas por líderes e/ou pelas elites globais.

Considerações finais

O ciberativismo, com suas diferentes definições, pode ser compreendido neste estudo como a articulação de movimentos sociais, ambientais, ou em defesa de diferentes pautas, através da Internet. Essa atividade parece surgir como resposta para os novos desafios colocados pela globalização, processo que se consolida justamente quando as possibilidades de comunicação se dão de forma global. As diferentes lutas de resistência, portanto, também se articulam mundialmente, através da Internet, rede que conecta diferentes lugares do mundo, apesar de encontrar lacunas para estar presente no mundo todo.

Porém, o ciberativismo, embora se proponha a ser um movimento que acontece na Internet, nem sempre se consolida sem passar pelos meios tradicionais de comunicação. Esse é o caso da rede Avaaz.org de ativismo. Ao buscar visibilidade, que é um fator fundamental para a consolidação dos diferentes movimentos na Internet, é justamente aos meios de massa, como televisão e jornal, que a organização recorre. Com isso, consegue aumentar o número de adeptos e agrega mais força às suas ações.

Mas essas ações só encontram repercussão nos meios de comunicação e na sociedade quando envolvem questões de interesse dos indivíduos, e quando agregam um número considerável de pessoas em suas causas, o que acontece não só com a rede



Avaaz, mas também com outras redes e sites de ativismo na Internet. Em um período de pouco envolvimento nas esferas políticas locais, questiona-se como essas organizações alcançam adesão tão significativa.

Uma possível resposta é que essa forma de ativismo, eletronicamente mediado, ganha espaço à medida que a participação nos movimentos tradicionais perde sua força. Uma tentativa de explicar essa mudança de rumo no ativismo está na liquidez das relações modernas, ou pós-modernas, que faz com que os sujeitos tenham cada vez mais tempo despendido no trabalho, por exemplo, e menos tempo para se envolver com causas sociais.

Quando o ativismo se consolida e consegue causar impacto com suas ações, pode-se compreender também que funcione como uma forma de comunicação. No caso da rede Avaaz, o objetivo é garantir que a população mundial seja ouvida no âmbito das grandes discussões, que tradicionalmente envolvem só as elites. Assim, cria-se um espaço de diálogo onde este não existia, e mesmo que as decisões continuem a ser tomadas sem se considerar a voz das minorias de todo o mundo, ao menos ela encontra um espaço de emissão.

Além de consolidar-se como uma forma alternativa de comunicação, o ciberativismo é um processo social que, sob certo ponto de vista muda o fazer comunicativo dos meios tradicionais, ou ao menos insere neles novos elementos. Ao organizar ações de protesto, que acontecem de diferentes formas, sejam elas na Internet ou fora dela, são pautados pelos meios de comunicação como notícia. Quando não o são, ocupam os espaços publicitários, mediante pagamento. Se isso acontecia com o ativismo antes da Internet, a diferença é que as novas tecnologias, que permitem que o ciberativismo exista e se consolide, inauguram também novas formas de comunicação, em um ambiente mais democrático e com mais vozes do que era comum nos meios tradicionais. Os meios tradicionais, ao perderem a hegemonia da emissão, precisam se adaptar às novas formas de comunicar e de se organizar socialmente, e é nesse sentido que o fazer comunicativo muda a partir das novas tecnologias e de processos sociais novos, como o ciberativismo.



REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução: Roseneide Venâncio Majer. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Diferentes, desiguales y desconectados**. Barcelona, Espanha: Editorial Gedisa, 2004.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.

MACHADO, Jorge Alberto S. **Ativismo em rede e conexões identitárias**: novas perspectivas para os movimentos sociais. Sociologias n.18 Porto Alegre jul./dez. 2007, p. 248-285. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222007000200012&lng=pt&nrm=iso> (Acesso em 22 jul. 2008).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Técnicas, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de. (org.) **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 51-80.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis de. (org.) **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 81-98.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

RIGITANO, Maria Eugênia Cavalcanti. **Redes e ciberativismo**: notas para uma análise do Centro de Mídia Independente. Biblioteca on-line de ciências da comunicação, 2005. Disponível em <www.bocc.ubi.pt/pag/rigitano-eugenia-redes-e-ciberativismo.pdf> (Acesso em 19 de julho de 2008)

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ. Vozes, 2007.

UGARTE, Davud. **El poder de las redes**: manual ilustrado para personas, colectivos y empresas abocados al ciberactivismo, 2007. Disponível em:
<http://www.deugarte.com/gomi/el_poder_de_las_redes.pdf> (Acesso em 25 de abril de 2008)

VEGH, S. Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank. In: MCCAUGHEY, M., AYERS, M.D. **Cyberactivism: online activism in theory and practice**. London: Routledge, 2003.